

SILVEIRA FILHO

MÁRIO LINHARES

Não conheci pessoalmente Silveira Filho, mas uma correspondência assídua e cordial fêz-nos grandes amigos. Tôda semana, mandava-me a sua pontual mensagem de afeto, através de cartas que eram um encanto para a minha sensibilidade.

Numa carta é onde se anda melhor os caminhos do coração.

Em suas missivas aflorava a alma singular de um lídimo poeta, tocada de idílica simplicidade, de cativante ternura, de envolvente sedução pessoal.

Os poetas têm o condão da magia interior que nos ergue ao cimo alcantilado das idéias mais altas e das emoções mais puras.

Vivi, em dois anos de convívio espiritual com Silveira Filho, as horas mais felizes da existência, como almas irmãs que se compreendem e se amam.

Na última semana, quando notei que sua correspondência, de chôfre, parara, estabelecendo-se um aflitivo silêncio entre nós, apressei-me a pedir notícias suas.

E Nenzinha Galeno, em telegrama de 8 de novembro de 1948, dava-me êste surpreendente e doloroso aviso: "Profundamente abalada, comunico-lhe acaba de falecer inesperadamente Silveira Filho".

Foi um rude golpe para as letras brasileiras e para o coração dos amigos. Logo telefonei a Durval de Moraes, que já se inquietava com o súbito mutismo, dando-lhe a triste notícia que o prostrou ao leito, recaído da grave enfermidade que, no mês seguinte, o levaria ao túmulo. O excelso poeta de "Nossa Senhora" lamentou sentidamente que a morte fulminasse aquela radiosa mocidade como um raio sobre uma árvore frondosa carregada de flôres e de frutos. E, ainda recordo o profundo sentimento com que Durval, com dicção magnífica, declamou os melhores poemas de "Arquipélago e Símbolos", na homenagem que, na "Federação das Academias de Letras do Brasil", prestamos ao inesquecível poeta cearense.

O nome de Silveira Filho já se vinha irradiando na Metrópole, com a simpatia que suscitam os autênticos artistas, aqueles que não se perdem na multidão. No "Panorãma do Movimento Simbolista Brasileiro", de Andrade Muricy, obra de suma importância, mandada executar pelo Ministério da Educação, figurou o seu nome com a devida justiça, pela presença de sua poesia de suave intimismo lírico, cheia de estranhos acentos místicos à Samain ou Antônio Nobre.

Timbram os seus versos pelo equilíbrio de um espírito que não se deixou arrastar ao caos em que torvelinham tantas inteligências sem rumo certo dentre o do pensamento.

O senso da beleza e do sentimento anima-lhe a expressão poética no desenho das suas imagens e emoções, através de uma linguagem simples, correta e sem artifício. Há em seus símbolos a penumbra das almas contemplativas que vivem no seu mundo interior, fora do pandemônio das paixões.

Não lhe ofusca a retina a luz forte do sol dos trópicos, aos ímpetos de um temperamento árdego que lhe dessem versos frondosos e arrebatados.

Contrastando com a bravura dos verdes mares e a clareza dos céus azuis de nossa terra, fere a sua lira acordes macios em correspondência com a delicadeza dos seus sentimentos.

O poeta viveu — como disse — na Torre de Anto de sua ilusão onde há plangências místicas na cinza da tarde. É o trovador dos tons brumais e aveludados:

NOTURNO

Na noite vaga
Que o vento afaga
Com calma,
Caminho ao léu
Envôlto ao véu
Desta alma.
Véu todo prêto
Qual o de Hamleto
Tristonho,
Ao ver no rio
O espetro frio
Do sonho.

Por esta estrada
Tôda enublada
De luar.
Recito uns versos
Lírios dispersos
Pelo ar...
E voz nevoenta
Responde lenta,
Dorida:
— Nada de espera
Na vil quimera
Da vida...

As casuarinas
Curvam-se, fins,

Além,
Sôbre a alva lousa
Onde repousa
Alguém...
E a estrada fria
Ficou sombria,
Sem calma,
Ao ouvir o pranto,
Na Terra de Anto
Desta alma...

Esse feito simbolista, com suas fluídas visões crepusculares, traduz-se, também, na musicalidade dêstes versos:

ELERGIA DOS SONS VELADOS

Na capelinha ao longe, em mística surdina
No ar fino,
Um sino
Põe um beijo cristão na tarde que declina.

E teu canto de amor macio como o luar
Fenece
Com a prece
Em guirlandas de luz que se desfazem no ar...

Para nós morre a tarde, o sonho e a glória vã...
No poente
Dolente
Há os tons espirituais dos poemas de Samain...

E o final da ilusão... êsse canto nevoento
Que acentua,
Flutua
Em mim — fôlha outonal tângida pelo vento.

A sua bizarra canção das Vogais compete com o célebre soneto de Rimbaud, pintando as letras de acôrdo com as impressões próprias, como se as palavras tivessem côr, sabor ou música. Não é uma simples tradução, pois o poeta dá cunho peculiar às imagens pela virtualidade ingênita dos sentimentos que lhe inflamam o ser, para quem a paisagem, como queria Amiel, não é apenas um quadro mas um estado de alma.

CANÇÃO DAS VOGAIS

A branco, E verde, I azul, O cinzento, U lilás
— Almas feitas de sons tecidos na amplidão...

A — neblinas de luz nos jardins outonais,
Onde há sombras sutis em lírica emoção...

E — canção dos Heróis; harmonias irreais.

I — lábios a tremer em mística oração;
Mãos mirradas ao ar para os céus infernais,
Pedindo um canto ao sol e um pedaço de pão.

O — Luz crepuscular sôbre os lagos silentes;
Murmúrios de chorões ouvindo os sons dolentes
Que erram no coração da tarde indefinida...

U — reflexo lilás de outro mundo, outra esfera,
Onde o Sonho sorriu em poemas de quimera
E minha alma ficou para sempre perdida...

Assim, a sua poesia subjetiva e pessoal tem a força evocativa dos símbolos, no culto do irreal que prega a arte do sonho, dando asas à imaginação para voar livremente às regiões estelares da nossa alma, realizando o pensamento de

M. de Fornel de Laurencie, quando diz: "L'artiste est un véritable magicien capable de faire voir l'invisible".

Silveira Filho foi um poeta no sentido verídico do termo, porque a poesia, como emanção do céu, iluminou o seu destino, abrindo-lhe os caminhos mais floridos.

Na amotinação das idéias da hora presente, não se deixou levar por tendências estranhas à pureza dos seus sentimentos; seu espírito guiou-se sozinho, por si mesmo, pelos seus pendores naturais.

Seu desaparecimento inesperado foi uma nota de profunda tristeza para todos nós que víamos naquela mocidade alvissareira o penhor das melhores esperanças.

Surpreendido em pleno afã de seu trabalho, deixou inacabada a obra de beleza que fervilhava em seu cérebro, mas seu livro "Arquipélago de Símbolos" assegura-lhe um pôsto de relêvo em nossas letras.

Seu nome, aureolado pelos seus versos, continuará a viver na saudade dos seus conterrâneos, na mais grata das evocações.